

Homens Ilustres (1453-1457)¹

Bartolomeo Fazio²

Tradução: Daniela Kern

Notas de rodapé: Rafael Machado Costa

GENTILE DA FABRIANO³

Gentile da Fabriano era dotado de um talento apto e adaptado a todo tipo de pintura. Mas é especialmente na decoração de construções que sua arte e indústria são conhecidas. É dele a famosa pintura na igreja de Santa Trinità em Florença, na qual se veem a Virgem Maria, o Menino Jesus em seus braços, e os três Magos adorando Cristo e oferecendo presentes. É dele uma obra em Siena na praça pública, que do mesmo modo mostra a Mãe Maria segurando Cristo Criança em seu colo, dando a impressão de alguém que irá cobri-lo com uma fina roupa; [também] João Batista, os Apóstolos Pedro e Paulo, e Cristóvão carregando Cristo em seus ombros, tudo exibido com uma

¹ Traduzido a partir de FAZIO, Bartolomeo. *Illustrious Men (1453-1457)*. In: HOLT, Elizabeth. *A documentary history of art*, volume I: The Middle Ages and the Renaissance. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1981. p. 198-203. *De viris illustribus*, coletânea de sessenta e três biografias.

² Bartolomeo Fazio, também conhecido como Bartholomaeus Facius (1400-1457). Descendente de uma família de nobres genovesa, foi um estudioso humanista, historiador, linguista e astrólogo, desempenhou a função de professor particular e depois instrutor dos filhos de várias famílias nobres italianas. Depois trabalhou como notário, tabelião e embaixador, até se tornar Chanceler da República de Nápoles. A serviço de Alfonso V de Aragón, foi seu conselheiro, secretário, embaixador, historiador real e tutor de seu filho, Ferdinando I de Nápoles (1424-1494). Além deste texto, Fazio foi autor de diversos tratados de História, Linguística e outros assuntos.

³ Gentile di Niccolò di Giovanni di Massio, também conhecido como Gentile da Fabriano (c. 1370-1427). Foi um pintor reconhecido como um dos maiores de seu tempo, sendo um dos grandes expoentes do estilo Gótico Internacional, influenciando vários pintores, além de ter sido mentor de Pisanello. Entretanto a maior parte das obras que lhe garantiram o renome em sua época foi destruída.

arte tão admirável que ele parece estar representando os reais movimentos e gestos do corpo. É dele uma obra em Orvieto⁴ na Catedral — de novo a Virgem e o Menino Jesus em seus braços sorrindo, uma obra à qual nada parece poder ser acrescentado. Ele também pintou — por um valor mais elevado — uma capela em Bréscia, para Padolfo Malatesta⁵. Novamente em Veneza, no palácio, ele pintou uma batalha por terra conduzida e travada pelos venezianos contra o filho do imperador Frederico em nome do Sumo Pontífice⁶, mas ela, devido a um defeito na parede, foi quase inteiramente perdida. Na mesma cidade ele, do mesmo modo, pintou um furacão arrancando árvores e todos os outros tipos de objeto, sendo tal a aparência deles que inspiraria terror e medo mesmo naqueles que vissem [a pintura]. Do mesmo modo é dele uma obra em Roma, na igreja de San Giovanni Laterano, uma cena da história do próprio São João [Batista] e acima esses cinco profetas, apresentados de tal modo que não parecem pintados, mas forjados em mármore; nessa obra, como se prenunciasse sua morte, acredita-se que ele superou a si mesmo. Impedido pela morte, ele deixou algumas partes de sua obra inacabadas e apenas esboçadas. Do mesmo modo é dele uma segunda pintura, na qual o Papa Martin⁷ e dez Cardeais são representados de modo a parecerem iguais à própria natureza e de modo algum diferentes [de sua forma natural].

⁴ Comuna italiana na Umbria, na Província de Terni.

⁵ Sigismondo Pandolfo Malatesta, também conhecido como Malatesta de Pesaro e Lobo de Rimini, (1417-1468). Foi Senhor de Casena, Fano e Rimini de 1432 a 1468. Filho ilegítimo do nobre italiano Pandolfo III Malatesta (c. 1369-1427), foi um governante autoritário reconhecido por ser cruel e acusado de vários atos de violência. Entretanto também foi um dos grandes mecenas do seu tempo e um dos responsáveis por comissionar grandes obras que recuperavam os valores clássicos, tendo aos seus serviços Lorenzo Ghiberti (1378-1455), Leon Battista Alberti (1404-1472), Agostino di Duccio (1418-1481) e Matteo di Andrea de' Pasti (c. 1420-1490). Ao seu pedido, Alberti liderou a reforma da Igreja de S. Francesco, em Rimini, transformando o prédio, de um templo religioso medieval, em um templo de retomada aos valores clássicos que conferia ao próprio Malatesta a posição do deus solar Apollo. Tal construção ficou conhecida como Templo Malatestiana. A preferência de Malatesta pela cultura clássica foi tamanha que muitas vezes foi acusado, ainda em seu tempo, de renegar valores do Cristianismo em nome da cultura pagã.

⁶ Provavelmente a pintura aqui referida, agora perdida, ilustrava uma das batalhas entre as forças de Friedrich Barbarossa e as cidades da Península Itálica que negavam submissão ao Sacro Império Romano-Germânico com apoio do Papa Alexandre III.

⁷ Possivelmente Ottone Colonna (1368-1431, p. 1417-1431). 206º Papa, sob o nome de Martino V, e considerado aquele que encerrou o Grande Cisma do Ocidente ocorrido na Igreja Católica. Dedicou-se à reforma de Roma, valendo-se de vários dos artistas renascentistas para isto.

Desse homem [Gentile], diz a história que quando o renomado pintor Roger de Gaul⁸, sobre o qual vamos falar mais tarde, no ano do Jubileu [1450] foi à igreja de São João Batista, contemplou a pintura de Gentile e, tomado de admiração pela obra, depois de perguntar o nome do autor, encheu-o de elogios e o colocou acima de todos os outros pintores italianos. Também atribuídas a ele são outras extraordinárias pinturas em vários lugares; sobre elas não escrevi, uma vez que não as conheço suficientemente.

JOHN DE GAUL⁹ [JAN VAN EYCK]

John de Gaul foi julgado o principal pintor de seu tempo, tendo não pequeno conhecimento em letras e especialmente em geometria e naquelas realizações que contribuem para a beleza da pintura, e se acredita que ele, por conseguinte, muito descobriu no que diz respeito às propriedades das cores, que eram reportadas pelos antigos e que ele aprendeu a partir da leitura de

⁸ Roger de la Pasture, também conhecido como Rogier van der Weyden, Rogelet de la Pâtüre, Rogier de Bruxelles e Maistre Rogier, (1399/1400-1464). Foi um pintor flamengo, muito provavelmente discípulo de Robert Camping — também conhecido como Mestre de Flémalle — (c. 1375-1444). Muito reconhecido no tempo em que estava ativo, exportou trabalhos para vários locais da Europa. Entretanto não há provas objetivas, como assinaturas ou contratos, que determinem com exatidão quais são os trabalhos de sua autoria. Todo o reconhecimento de suas obras se dá através de características estilísticas — que lhe eram muito peculiares — e referências esparsas em textos de diferentes autores de seu tempo ou de um período próximo — como no caso deste texto. Além disso, Rogier possuiu uma grande oficina com uma enorme quantidade de aprendizes que simulavam seu estilo e, possivelmente, trabalhavam em conjunto na confecção das encomendas, o que dificulta ainda mais uma definição de autoria.

⁹ Jan van Eyck (c. 1390-1441). Foi um pintor flamengo extremamente reconhecido em seu tempo chegando a ser considerado o inventor da pintura com tinta a óleo. Hoje a atribuição a ele da invenção da tinta a óleo é questionada, mas ainda sim foi um de seus aperfeiçoadores. Muito de seu reconhecimento se dá aos detalhes e efeitos de cores que conseguia executar devido ao uso da tinta a óleo — de secagem mais lenta. A carreira de van Eyck é muito bem documentada, mas apenas a partir de 1425, quando se torna o pintor da corte e escudeiro do Duque de Borgonha, Philippe, O Bom. Antes disso, não há muitas menções a suas atividades. O trabalho que lhe deu fama e renome foi a execução, em sua juventude, do retábulo da Catedral de Ghent chamado *Adoração do Cordeiro*, finalizado em 1432. Entretanto tal retábulo foi iniciado por seu irmão, Hubert van Eyck (?-1426?), e apenas finalizado por Jan, não podendo-se identificar o que no trabalho foi executado por sua mão e o que é de autoria de seu irmão. Ainda a serviço de Filips III, van Eyck serviu como embaixador na Espanha e Portugal. Teve grande influência sobre os pintores que vieram após ele, principalmente na Península Ibérica, onde possivelmente foi a referência para os artistas locais deixarem o estilo Gótico.

Plínio¹⁰ e de outros. É dele uma notável pintura nos quartos privados do rei Afonso¹¹ [V de Aragão, rei de Nápoles], na qual aparece a Virgem Maria, digna de nota por seu charme e modéstia; o anjo Gabriel anunciando que o filho de Deus iria nascer dela, seus cachos [de cabelo] de insuperável beleza, superando a natureza, João Batista manifestando uma admirável santidade e austeridade de vida, Jerônimo completamente parecido com alguém vivo, uma biblioteca executada com maravilhosa arte, uma vez que, se você se afasta um pouco dela, ela parece recuar para dentro e exibir os livros em sua integridade, enquanto apenas as suas principais divisões aparecem para quem se aproxima. Em uma parte externa da mesma imagem está pintado Baptista Lomellinus — que era o proprietário da pintura —, no qual você vai julgar que falta apenas a voz, e uma mulher, que ele amava, de notável beleza, ela também cuidadosamente representada, assim como ela era: entre eles, como que espreitando através de uma rachadura na parede, um raio de sol que você tomaria como luz do sol verdadeira. É dele a representação do mundo em forma circular, que ele pintou para Philip Senhor dos Belgas¹², uma obra que se acredita não ser superada em perfeição por nenhuma executada em nossa época. Ali você pode distinguir não apenas localidades individuais e a extensão de áreas de terra, mas também, através de medição, a distância entre localidades.

¹⁰ Gaius Plinius Secundus, também conhecido com Plínio, O Velho, (23-79). Naturalista, filósofo e almirante do Império Romano, filho de um cavaleiro e da filha de um senador, autor de *Naturalis Historia*, um longo tratado muito influente por séculos em que tentava compilar todas as áreas do conhecimento até então desenvolvidas explicando e classificando as características naturais do mundo. Plinius morreu ao tentar observar de perto a erupção do vulcão Vesúvio.

¹¹ Alfonso di Trastámara, também conhecido como Alfonso V de Aragón, Alfonso, O Magnânimo, Alfonso, O Sábio, Alfonso III di Valencia, Alfonso II di Sardegna, Alfonso I di Maiorca, Alfonso I di Sicilia, Conde Alfonso IV de Barcellona e Alfonso I di Napoli. Nobre da casa de Castilla, sua postura expansionista o levou a conquistar um grande número de territórios, não só na Península Ibérica, como também na Península Itálica. Quando, depois de muita tensão e manipulações envolvendo sua pessoa e outros nobres italianos, assumiu o Reino de Nápoles, passou a receber lá artistas e teóricos humanistas. O próprio Bartolomeu Facio foi um dos que esteve aos seus serviços em Nápoles.

¹² Philippe III de Bourgogne, também conhecido como Philippe, O Bom, (1396-1467). Foi Duque de Borgonha, Duque de Brabante, Duque de Lotária, Duque de Limburgo e Duque dos Países-Baixos Borgonheses — formado quando reuniu os títulos de Duque de Luxemburgo, Conde de Hainaut, Conde da Holanda, Conde da Zelândia, Senhor de Frise, Flandres, Namur. Durante a Guerra dos Cem Anos, aliou-se a Henry V (1387-1422), Rei de Inglaterra, e Charles VI (1368-1422), Rei de França, contra o Delfim e futuro rei Charles VII (1403-1461), pois acreditava que ele era o responsável pela morte de seu pai, Jean I, O Sem Medo, (1371-1419). Ao final da Guerra dos Cem Anos, a reunião de títulos que herdou fazia dele o mais poderoso príncipe cristão de seu tempo. Foi mecenas e incentivador de vários artistas, incluindo pintores, escultores e músicos.

Pinturas famosas dele também são encontradas em posse do distinto Cardeal Ottaviano, — mulheres de insuperável beleza emergindo em um fresco brilho, de seu banho, as mais secretas partes de seus corpos cobertas por uma transparente vestimenta; de uma dessas mulheres ele mostrou apenas a face e o peito, exibindo as partes posteriores do corpo em um espelho pintado na parede oposta, de modo que você vê suas costas assim como pode ver seu peito. Na mesma pintura, no quarto de banho, aparece uma lanterna exatamente como uma que está acesa, e uma velha mulher que parece estar suando, um cachorrinho sorvendo água, e do mesmo modo cavalos, pessoas de tamanho diminuto, montanhas, bosques, vilarejos e castelos realizados com tal arte que você acreditaria que um está a cinquenta milhas de distância do outro. Mas na mesma obra quase nada é mais maravilhoso do que um espelho na mesma pintura, no qual o que quer que esteja representado você pode ver como em um espelho de verdade. Diz-se que ele executou muitas outras obras sobre as quais não consegui obter informações.

PISANO DE VERONA¹³ [ANTONIO PISANO, PISANELLO]

Pisano de Verona, em matéria de pintar as formas das coisas e de expressar sentimentos, foi considerado como sendo dotado de um quase poético gênio. Mas na pintura de cavalos e de outros animais, na opinião dos especialistas, ele superou todos os outros pintores. Em Mântua ele pintou uma capela e algumas outras imagens altamente estimadas. Em Veneza, no

¹³ Antonio di Puccio Pisano, também conhecido como Pisanello (c. 1395-1455?). Foi um pintor e medalhista vinculado ao chamado estilo Gótico Internacional. Não se sabe quem foi seu primeiro instrutor na técnica a pintura, mas encontram-se em seus trabalhos, principalmente os mais antigos, fortes características do estilo de Verona. Posteriormente tornou-se discípulo de Gentile da Fabriano e concluiu alguns dos trabalhos que ele deixou inacabado ao morrer. Pisanello trabalhou para um grande número de cortes da Península Itálica e também para o Vaticano. Giorgio Vasari (1511-1574), em seu *Le vite de' più eccellenti pittori, scultori e architettori*, afirma que Pisanello também teria trabalhado na oficina de Andrea del Castagno (c. 1421-1457). Como medalhista, talvez tenha sido o mais importante do Renascimento, tendo conquistado renome confeccionando retratos em medalhas.

Palácio, ele pintou Barbarossa¹⁴, o imperador romano, e seu filho como suplicante; também no mesmo lugar uma grande companhia de oficiais da corte mostrando uma vestimenta e aparência alemãs; um padre que deformava seu rosto com os dedos, e meninos rindo disso com tanto prazer que despertam alegria naqueles que vêem a pintura. Também em Roma, na igreja de San Giovanni Laterano, ele pintou o que Gentile, ao começar a história de São João Batista, havia deixado inacabado. Mas essa obra, conforme o que ele me explicou, foi mais tarde grandemente obliterada devido à umidade na parede. Outros exemplos de sua arte e gênio são um número de pinturas em painéis e em pergaminhos, entre os quais está um Jerônimo adorando o Cristo crucificado, venerável pela postura do santo e pela majestade do semblante, e do mesmo modo um terreno baldio, com muitos animais de vários tipos que você pensaria estarem vivos.

À pintura ele acrescentou a arte da escultura. Obras suas em chumbo e bronze são um Alfonso, Rei de Aragão, um Philip, Príncipe de Milão, e muitos outros príncipes italianos, pelos quais ele era estimado devido à eminência de sua arte.

¹⁴ Friedrich I de Hohenstaufen, também conhecido como Friedrich III da Suábia, Friedrich Barbarossa ou Barba-Ruiva, (1122-1190). Foi Duque da Suábia (1147-1152, 1167-1168), Rei de Itália (1155-1190) e Imperador do Sacro Império Romano-Germânico (1152-1190). Barbarossa tinha pretensões de reconstruir a glória do Império Romano e, sob instruções do Papa Adriano IV (c. 1100-1159, p. 1154-1159), recuperou Roma do controle de Arnaldo da Brescia e assim recebeu do Papa o título de Rei de Itália. Sua postura era a de se colocar como uma autoridade legítima sucessora de Carolus Magnus (c. 742-814), e assim passou a impor uma autoridade imperial sobre toda a Europa Ocidental tentando colocar até mesmo a Igreja Católica em uma posição de submissão. Essa política imperialista o levou a uma cisma e guerra contra o Papa Alexandre III (c. 1100-1181, p. 1159-1181) e várias cidade italianas que se negavam a se submeterem. Apesar de nunca conseguir controlar completamente a Península Itálica, teve vários territórios do oeste e do centro da Europa sob sua vassalagem. Em 1189, tomou parte na Terceira Cruzada na companhia de Philippe Auguste (1165-1223, r. 1179-1223), Rei de França, e Richard I (1157-1199, r. 1189-1199), Rei de Inglaterra, chamada de A Cruzada dos Reis, para combater Saladin (c.1138-1193, r. 1174-1193), o Sultão do Egito e da Síria que havia tomado Jerusalém. Ao voltar da Cruzada, no Reino de Cilícia, território da atual Turquia, Barbarossa tentou atravessar o Rio Sélef, caiu do cavalo e, devido ao peso de sua armadura, não conseguiu se levantar, morrendo afogado. Na região da atual Alemanha, havia a lenda de que Friedrich I não havia morrido e que voltaria para reivindicar a coroa e restaurar a ordem do Império. Esta lenda provavelmente é uma das fontes para a lenda parecida envolvendo Dom Sebastião I de Portugal (1554-1578, r. 1557-578).

Roger de Gaul, pupilo de John e seu compatriota, produziu muitos monumentos singulares de sua arte. Dele é uma muito notável pintura em Gênova, na qual há uma mulher perspirando em seu banho, e próximo a ela um cachorrinho, no lado oposto dois jovens que a espiam secretamente através de uma rachadura, notáveis por seus sorrisos. Dele é uma segunda pintura nos aposentos privados do Príncipe de Ferrara; em um dos lados há Adão e Eva, com corpos nus, tendo sido retirados por um anjo do paraíso terrestre, aos quais nada falta da maior beleza; no outro lado há um príncipe suplicante, no painel central Cristo retirado da cruz, Maria, a Mãe, Maria Madalena, José, todos com tal pesar expresso em suas lágrimas que você não suporia que não fossem outra coisa além de reais. Do mesmo autor são famosas pinturas em linho, de posse do Rei Alfonso, — de novo a Mãe do Senhor, agora aflita com a captura de seu Filho, com suas lágrimas correndo e ainda assim mantendo sua dignidade, uma obra de consumada beleza. Do mesmo modo os abusos e punições que Cristo Nosso Senhor sofreu nas mãos dos judeus, [obra] na qual você pode facilmente discutir uma variedade de sentimentos e emoções que se combinam à variedade dos eventos. Em Bruxelas, que é a cidade de Gaul, ele pintou uma capela do mais perfeito acabamento.

¹⁵ Ver *nota 8*.